



5º Simposio de Ensino de Graduação

ANÁLISE DO POEMA CARANGUEJOLA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Autor(es)

ROBERTO STURION SGARBIERO

Orientador(es)

Josiane Maria de Souza

1. Introdução

A análise do poema “Caranguejola” de Mário de Sá-Carneiro será feita sob a perspectiva dos aspectos diferenciais que configuram a conceituação de poesia moderna, ainda não consolidados à época de sua escrita. Mário de Sá-Carneiro é representante do chamado 1º modernismo português. Foi um dos idealizadores da revista “Orpheu”, publicada em 1915 (mesmo ano da escrita de Caranguejola) e que causou grande escândalo quando de sua publicação. Tal escândalo firma a idéia de uma nova poesia, que estava chegando nessa época, e que ainda não era bem aceita. A dificuldade em publicar o 3º número da revista Orpheu e os sentimentos de inadequação e inutilidade de Sá-Carneiro expressos em sua obra serão notados claramente em Caranguejola. Boa parte, desses sentimentos se confirmam pelo suicídio do autor em 1916, um ano depois dos insucessos com a revista e da escrita de Caranguejola. Notar-se-á nesse poema uma briga do eu poético com as formas e estruturas vigentes nessa época e também uma briga consigo mesmo no que se refere a não aceitação da representação que o eu-poético tem de si mesmo, bem como da não aceitação de certas castas da sociedade quanto à sua poesia (acervo de coisas sobrepostas e mal seguras).

2. Objetivos

A análise tem por objetivo mostrar como uma nova forma de poesia se anunciava nessa época, e como as primeiras manifestações dessa nova poesia, não eram bem aceitas na sociedade que aprova ou reprovava os poemas. Para tal interpretação, o título do poema será de suma importância (Caranguejola: Acervo de coisas sobrepostas e mal seguras). Assim, temos também por objetivo, interpretar a poesia a partir da concepção de poesia moderna, que começa a se estabelecer em Portugal à época da escrita do poema Caranguejola. Uma poesia menos preocupada em seguir as grandes escolas e as formas pré-estabelecidas para a boa poesia, e mais preocupada com o experimentalismo e a estética do choque que já é preconizada pela estética de vanguarda.

3. Desenvolvimento

Se entende o vocábulo caranguejola como “acervo de coisas sobrepostas e mal seguras”, pode-se entender a Caranguejola que intitula o poema de Mário de Sá-Carneiro, como sendo a literatura incompreendida (“Daqui a vinte anos minha literatura talvez se entenda”) do Eu-poético, estabelecendo assim, uma relação metafórica entre as coisas sobrepostas e mal seguras e uma literatura livre de formalismos e que não se prende a regras, portanto, trata-se de uma literatura que não é bem segura num mundo onde ela ainda não é aceita, uma literatura que não é defendida e por isso não está segura. Sendo a Caranguejola o título do poema, o significado desse vocábulo exerce influência sobre todo o significado do mesmo. Para incorrer por esse caminho, observa-se que o poema está dividido em três movimentos: o primeiro abrange as quatro primeiras estrofes (com quatro versos cada uma), o segundo movimento abrange as três estrofes seguintes (também com quatro versos cada uma) e o terceiro movimento abrange um verso solto, uma estrofe de três versos e uma de quatro versos que finaliza o poema. O primeiro movimento consiste num pedido por parte, do eu-poético, de que deixem-no em paz. Levando em conta que sua literatura não é compreendida e o que está dito nos terceiro e quarto versos da terceira estrofe: “- Que querem fazer de mim com estes enleios e medos? / Não fui feito para festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar...”. É possível observar que a insegurança de sua “Caranguejola”, ou seja, o fato de ninguém defendê-la, deixa o eu-poético cheio de dúvidas e medos e por isso prefere solicitar um momento de isolamento, mas, ao mesmo tempo, este eu nos mostra sua total ligação com esta obra mal segura, pois ao dizer que não foi feito para festas, está implicitamente dizendo que não sabe ter uma vida ativa, estando longe de sua obra, por isso prefere a inatividade total. Os dois primeiros versos da terceira estrofe tratam de certos “brinquedos”. Aqui vê-se uma referência às regras vigentes em literatura no momento da escrita deste poema. Estes versos nos quais aparecem os tais brinquedos mostram uma interlocução com um ser geral (como nos dois primeiros versos da primeira estrofe), entendidos aqui como toda uma sociedade. Estes brinquedos que são recusados pelo Eu, ou, que ele não quer receber deste ser geral, estão aqui entendidas como um conjunto de regras que são oferecidas para os poetas brincarem de fazer poesia, ou seja, diz que não se pode haver poesia verdadeira se esta precisar submeter-se à regras e formas (ou fôrmas). Ainda é importante observar que na primeira estrofe há versos que se dirigem a um interlocutor específico (“Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada, / Que não se abra mesmo para ti se tu lá fores.”) esse interlocutor, que pode ser dito como um personagem feminino (aparece no último verso do poema como “minha rica”), trata-se de sua própria Caranguejola. Essa idéia pode ser melhor compreendida quando se relaciona este verso com o penúltimo verso do poema no qual se diz que ela não entra no quarto, nem com as melhores maneiras, entende-se então, que ela não possui as melhores maneiras e estas melhores maneiras tratam-se de uma referência irônica às regras e formalismos já citados. Se leva-se em conta que o Eu não quer mais vê-la, está esquivando-se dela, mas também não sabe conviver com as “regras” da literatura de seu tempo (as melhores maneiras), retorna aqui, a idéia de que ele prefere a reclusão a ter que submeter-se à tais formalismos, portanto, a Caranguejola não entra em seu quarto nem se utilizar as tais regras. O segundo movimento trata-se de um momento de devaneio do Eu-Poético, quando ele fala consigo mesmo. Este diálogo está presente nas duas primeiras estrofes deste movimento; nota-se também, que as palavras vamos e desistamos, presentes neste movimento, caracterizam que o Eu-Poético está, enquanto conversa consigo mesmo, tentando se convencer daquilo que foi apresentado no primeiro movimento. Isso está claro em: “deixa-te de ilusões, Mário! Bom édredon, bom fogo / E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...” nesse ponto apresenta-se claramente uma fala introspectiva e um convencimento, quando o Eu diz que já basta, que pense apenas no conforto e tranquilidade a que sua reclusão o levará. No terceiro e quarto versos da primeira estrofe deste movimento nota-se que o Eu começa a se conformar com sua situação. Lamentosamente, começa a aceitar que tudo que está a seu alcance é dizer a sociedade que sua via não pode mudar, não pode adaptar-se às regras citadas anteriormente. Neste segundo movimento existe também uma relação metafórica entre sociedade e literatura, ou regras sociais e regras para composição poética, das quais, como vem sendo apontado, o Eu-Poético tenta fugir e não consegue adaptar-se. Considerando o que foi dito sobre a vida desse Eu não ter solução, e considerando os dois primeiros versos das duas primeiras estrofes desse movimento, onde ele diz não se adaptar aos salões de Lord e não conseguir sequer sair sem adoentar-se, entende-se estas regras da alta sociedade (a sociedade que defende ou reprova os poemas), como sendo as regras e formas impostas para a literatura. No verso: “E

quem posso eu esperar com minha delicadeza?...” a delicadeza do Eu-Poético pode ser entendida como a sensibilidade que ele privilegia ao escrever, ignorando o que é pré-estabelecido, assim a resposta para esta pergunta é que só pode esperar que lhe venha uma caranguejola (uma acervo de coisas sobrepostas e mal seguras). Assim, nesses versos, o Eu está dizendo não saber andar (escrever) pelo caminho do formato pré-estabelecido, não sabe utilizar os brinquedos que essa sociedade oferece ao poeta e, como foi apontado antes, essa mesma sociedade não defenderá sua obra e assim ela ficará mal segura. Essa relação metafórica é justificada pela forte relação, sempre presente, entre literatura e a sociedade na qual ela está inserida. Ainda no segundo movimento, em sua última estrofe, nota-se um início de conformismo. Nessa estrofe, o Eu-Poético começa a acordar dos devaneios e firmar uma postura perante sua real situação. Ele diz acertadamente que está desistindo, que é inútil lamentar-se, como o fez nas estrofes anteriores. Assim, dá sua reclusão (ou exclusão) poética como ponto acertado, e começa a buscar uma situação ideal, onde ficaria recluso, sem contato com o mundo. Ao encontrar a situação ideal (o quarto de hospital), inicia-se o terceiro movimento. Nesse terceiro movimento, o Eu-Poético faz uma perspectiva para um futuro próximo, de como seria essa situação ideal, criando assim, imagens que importariam para uma visão da sociedade, como o quarto higiênico em Paris, utilizando-se da idéia que, se dirão que ele está maluco, que ao menos esteja em Paris, à maneira de outros escritores que também passaram o fim da vida nesta cidade. Essas imagens ideais tem valor para a visão da sociedade, mas para a visão do Eu, significam apenas que esta é sua única forma de tranqüilidade, por isso um quarto todo branco, que não traz ligação com coisa alguma que se refira ao mundo externo. Na última estrofe do poema, há novamente uma interlocução direta com sua Caranguejola. Nesse ponto, apesar das exigências que faz para que não mais torne a vê-la, mantém uma proximidade com ela ao permitir que ela venha às quintas-feiras, pois mesmo não permitindo que ela entre em seu quarto, mantém algum laço entre eles.

4. Resultados

Há uma fórmula que se aplica às seqüências de rimas dos versos em cada movimento. A mesma seqüência de rimas está presente nos primeiros e nos últimos quatro versos de cada movimento, e há uma seqüência diferente para as estrofes do meio. Assim, o movimento se fecha sempre da mesma maneira que começou. Essa regra só não se aplica ao terceiro movimento, no qual a seqüência é quebrada ao meio, se considerarmos que diminui-se o número de estrofes em cada movimento e que o último ciclo não se fecha, e ainda considerando o último verso que contém frases como “nada a fazer” e “tudo do mais acabou”. Pode-se identificar que há nesse poema uma promessa de suicídio, ou seja, sua obra está sendo suprimida (por isso a diminuição do número de estrofes) e o Eu desiste (ou desistirá) sem completá-la, colocará fim a ela antes do previsto. Isso pode caracterizar, além de tudo, uma quebra com o pré-estabelecido, o que torna o poema uma espécie de provocação, pois, em um poema no qual se mostra contrário às regras pré-estabelecidas, ele também estabelece regras, mostrando assim que também é capaz de fazê-lo, e o terceiro movimento mostra que simplesmente não quer se utilizar de tais formas ou fôrmas, ou ainda, o terceiro movimento pode mostrar que, por culpa das regras, vê-se obrigado a interromper sua obra.

5. Considerações Finais

O poema sendo compreendido como uma quebra com o pré estabelecido e uma provocação, além do anúncio de suicídio, confirmado pelo suicídio do autor (entendendo o Eu-poético como a personalidade do autor, confirmado por : “Deixa-te de ilusões Mário!...” e também pelas perspectivas o autor expostas anteriormente), é possível observar então o anúncio e as conturbações causadas por uma nova poesia, num ambiente social em que tal prática literária causava grande estranhamento, principalmente por seu desapego às “boas maneiras”.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, A. B. de H. (1968). **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ed. Civilização brasileira.

Sites: www.mundocultural.com.br Acesso em 23/12/06

pt.wikipedia.org. Acesso em 23/12/06